

Universidade condena o modelo econômico populista

Rosental Calmon Alves
Correspondente

CAMBRIDGE, EUA — Nesta época de crises e eleições pela América Latina afora, os debates sobre populismo viraram lugar comum. Nos meios acadêmicos, porém, o tema é tratado, em geral, apenas por cientistas políticos. Numa pequena sala de aula do prestigiado Massachusetts Institute of Technology (MIT), candidatos a doutorado em economia debateram este tema sob outro ângulo: o econômico ou, mais precisamente, o macroeconômico. O expositor era o professor Rudiger Dornbusch, que acaba redefinir populismo como um modelo econômico que começa dando certo, mas termina fatalmente num desastre, onde quem sofre mais são justamente os setores mais pobres, tidos como principais beneficiários do programa.

O estudo do professor Dornbusch é baseado na análise de dois casos concretos: o do governo da Unidade Popular, de Salvador Allende, no Chile (1970-73), e o de Alan García, no Peru, iniciado em 1985 e ainda inacabado. Dizer que Allende foi um líder populista pode ser um sacrilégio para cientistas políticos, mas Dornbusch e seu

parceiro no estudo, o economista chileno Sebastián Edwards (professor da Universidade da Califórnia, em Los Angeles) mostram que a política econômica do período da Unidade Popular, no Chile, se enquadram perfeitamente no modelo macroeconômico que eles definem como populismo.

Os dois economistas consideram populista o programa econômico "que enfatiza o crescimento e a redistribuição de renda, tirando a ênfase dos riscos da inflação e do déficit financeiro, dos constrangimentos externos e das reações dos agentes econômicos às agressivas políticas" que não levam em conta as leis do mercado. Eles identificaram algumas características comuns a esse tipo de programa econômico populista. Mostram, por exemplo, que são semelhantes, em geral, as condições iniciais e as motivações que levam à aplicação do programa, o argumento de que as condições do país são diferentes dos demais onde o modelo não funcionou, e o colapso final.

Segundo o estudo, o paradigma populista surge, em geral, como uma resposta a uma experiência monetarista ou à tentativa de aplicação da receita amarga do Fundo Monetário Internacional (FMI). Aliás, junto com os estu-

dantes que superlotavam a pequena sala do MIT estava a economista chilena Ana Maria Jull, que ficou famosa em suas missões no Brasil para o FMI. Ela está terminando um *sabbatical leave* (ano de estudos) no MIT, desfrutando de uma licença do Fundo.

Ao se referirem às condições iniciais comuns aos países que adotam modelos populistas, Dornbusch e Edwards observam que eles geralmente vem de um período de lento crescimento, estagnação ou completa depressão, como resultado das tentativas anteriores de estabilização da economia. Ou seja, um país que vem de uma tentativa fracassada de aplicar as receitas do FMI tem um ambiente propício ao surgimento da política econômica populista.

Os programas populistas enfatizam três elementos: reativação, redistribuição da renda e reestruturação da economia. Na primeira fase do modelo identificado pelos professores, os autores do programa se sentem logo vitoriosos com o diagnóstico (inflação não é problema e escassez de produtos se resolve com importação) e com a receita prescrita (aumento da produção e dos salários reais e a redução do desemprego). Essa fase inicial de sucesso e de popularidade do programa não dura muito e

A. Dorgivan — 12.05.85



Dornbusch estudou as experiências do Chile e Peru.

os problemas vão se acumulando para estourar mais tarde.

Na segunda fase, a economia vai se encaminhando na direção do desastre, em parte por causa da forte expansão na demanda, em parte por causa da falta cada vez maior de divisas. Tornam-se necessários realinhamentos de preços e desvalorizações da moeda, controle de câmbio e protecionismo, enquanto se agrava o déficit fiscal.

A terceira fase é a do desastre: "escassez generalizada de produtos, extrema aceleração da inflação e um óbvio atraso na taxa de câmbio, que leva à fuga de capitais e à desmonetização da economia. O déficit fiscal se deteriora violentamente por causa da queda na arrecadação tributária e do crescente custo dos subsídios. O governo tenta a estabilização através do corte dos subsídios e de uma depreciação real. Os salários reais caem maciçamente e a política se torna instável. Fica claro que o governo perdeu."

Finalmente, chega o pós-populismo, um programa de estabilização adotado por um novo governo: "um programa do FMI será adotado e (...) o salário real cairá maciçamente a um nível muito mais baixo do que o de quando o episódio começou! Acima de tudo, essa queda será muito persistente porque os aspectos econômicos e políticos da

experiência deprimiram os investimentos e promoveram a fuga de capitais. A violência da queda dos salários reais se deve a um simples fato: o capital é móvel e atravessa as fronteiras, mas o trabalho não é."

Dornbusch e Edwards enfatizam que "as políticas ao estilo do FMI, sem a preocupação com o crescimento ou com o progresso social, podem muito bem criar uma estabilidade financeira a curto prazo, mas elas inevitavelmente abrem as portas para outra rodada de reação destrutiva, na forma de programas populistas." Observam que o estudo em detalhe dos dois casos — os dos governos de Allende e García — mostra claramente que essas políticas econômicas populistas "levaram a consequências desastrosas para aqueles (grupos sociais) que deveriam ser os mais beneficiados."

"A questão central, então, é se políticas populistas são completamente insustentáveis ou se há uma variante que, apropriadamente executada, poderia ser bem sucedida", dizem os economistas em sua conclusão. Dornbusch e Edwards deixam a questão no ar, estimulando que novos estudos acadêmicos sejam feitos para avaliar as reais possibilidades das metas redistributivas do populismo em certas condições.